REVISTA ANTHESIS ISSN: 2317-0824

INTERFACES DO PODER EM FOUCAULT E SILVEIRA

Guilherme da Silva Cunha[1]
Maria Ivanilda Souza da Silva[2]
Anthony Gabriel da Silva Frota[3]

RESUMO

O propósito deste artigo é apresentar e analisar breves interfaces do poder em Foucault e Silveira. Segundo Michel Foucault, as interfaces do poder são efetivadas não somente na esfera do próprio poder, mas do saber-poder. Destaca-se que o seu objetivo de pesquisa, para Roberto Machado, não é estudar as incompatibilidades entre os saberes, mas a sua positividade, a sua força, o seu estatuto de conhecimento verdadeiro. Todavia, o poder é estudado como realidade distinta pelo filósofo francês a partir da instância do macro e da instância do micro. O macro é estabelecido pelas instituições de Estado que criam os seus dispositivos, i.e., as suas redes de saberes e discursos para garantir "objetividade" e "legitimidade" que asseguram os critérios de conhecimento verdadeiro. Por outro lado, o micropoder é observado na estrutura do corpo do indivíduo e das suas múltiplas relações. Na continuidade, Silveira destaca que as *big techs* representam os novos olhos do poder, do capital que domina, do colonialismo que ganha novas faces e do pensamento hegemônico que teima em querer ser o único modelo de verdade. Trata-se das novas atualizações do poder que mescla as estruturas das instituições estatais com empresas privadas de tecnologia em prol do aumento do capital e do massacre da vida por meio da guerra.

Palavras-chave: poder, tecnologia, capitalismo, interfaces

INTERFACES OF POWER IN FOUCAULT AND SILVEIRA

ABSTRACT

The aim of this article is to present and analyze brief interfaces of power in Foucault and Silveira. According to Michel Foucault, the interfaces of power are realized not only in the sphere of power itself, but also in the sphere of knowledge-power. It is noteworthy that, according to Roberto Machado, the research objective is not to study the incompatibilities between forms of knowledge, but their positivity, their strength, their status as true knowledge. However, power is studied as a distinct reality by the French philosopher, starting from the macro and micro levels. Macropower is established by state institutions that create their mechanisms, i.e., their networks of knowledge and discourse, to guarantee "objectivity" and "legitimacy" that ensure the criteria for true knowledge.

[1] Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO, Núcleo UFAC). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo, das Águas e das Florestas nas Amazônias (Gecafa).
[2] Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre.
[3] Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Acre. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Diocesana São José. Membro do Grupo de Pesquisa Miroslav Milovic.

On the other hand, micropower is observed in the structure of the individual's body and their multiple relationships. Furthermore, Silveira highlights that big tech companies represent the new eyes of power, of capital that dominates, of colonialism that takes on new faces, and of hegemonic thought that insists on being the only model of truth. These are the new updates of power that blend the structures of state institutions with private technology companies in pursuit of increased capital and the massacre of life through war.
Keywords: power, technology, capitalism, interfaces

1 INTRODUÇÃO

As interfaces do poder são formas de como o poder é concebido como força na dinâmica das relações sociais entre os seres humanos, nas suas maneiras de se associar, lutar e resistir em prol da vida na terra, no plano da imanência. Compreende-se que o poder não é uma coisa, não tem uma "natureza", não é uma "entidade metafísica" e, tampouco, possui uma essência primordial. Ele é uma prática social construída historicamente pelo homem a partir das suas necessidades de dominar ou resistir ao diferente.

Em consonância com o exposto acima, Souza destaca:

> Michel Foucault não se propõe a constituir uma teoria propriamente dita sobre o poder, com o objetivo de explicar universalmente as diversas relações sociais e seus respectivos tensionamentos e conflitos. As razões para essa postura decorrem da compreensão de Foucault acerca do poder e de seu método de investigação, que se alicerça em descrever analiticamente os mecanismos do poder em distintos períodos históricos (Souza, 2025, p. 17).

Percebe-se que dentro do Estado há formas diferenciadas de se exercer o poder, estabelecendo relações complexas entre o corpo social (o Estado) e o corpo individual. Aponta-se que em algumas situações o Estado consegue integração e controle do corpo individual; entretanto, há situações diversas em que o Estado não consegue controlar os micro-poderes. Existem os "furos", onde constata-se uma autonomia da "periferia" em relação ao Centro.

O ideal não é usar o poder só para reprimir, mas para resistir e libertar, fazendo uso do saber-poder sem recorrer ao macro. Nesse caso, o ponto importante é a percepção de que o poder é uma multiplicidade de forças; de que o poder está em todos os lados; onde há poder há resistência, no entanto, há de se observar que as formas de resistir são pontos móveis e transitórios, ou seja, podem mudar conforme as próprias correlações de

forças.

2 O PODER ATRAVESSA OS CORPOS

Foucault rejeita o poder inspirado no modelo econômico. O modelo mais elucidativo para ele é o da guerra organizada pelo Estado ou não, posto que na guerra há luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Nesse sentido, o poder é a violência legalizada. Contudo, o poder não é nem exclusividade do direito, muito menos da violência.

As pesquisas arqueológicas e genealógicas de Foucault não apontam para a análise da sociedade pelo prisma econômico ou pela luta de classes, mas para o poder disciplinar manifestado pelos dispositivos de Estado, tais como: hospital, prisão, hospício, exército, escola, fábrica. Nesse sentido, o poder disciplinar, inserido nos dispositivos de Estado, cumpre com os seguintes papeis: 1) organização do espaço; 2) controle do tempo; 3) vigilância e controle dos corpos.

Todavia, cabe ressaltar como o Foucault pensa o poder:

> O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E o poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autor e produtor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (Foucault, 2001, p. 89).

Levando-se em consideração que o poder é tão somente um nome para relações de força, a dimensão mais real do poder está no corpo, no sentido de sujeição e de libertação. Nesse sentido, a função política e econômica do Estado é preparar indivíduos "úteis e dóceis" para produzir em favor do próprio Estado ou da iniciativa privada. Dentro desta engenharia, percebe-se que o indivíduo é uma produção histórica do saber e do poder para cumprir determinadas funções sociais.

Nesse rumo, reconhece-se, por exemplo, que o hospício cria o louco individualizado a partir da disciplina, ou seja, o poder disciplinar fabrica o indivíduo. O poder disciplinar é extremamente capaz de engendrar técnicas de individualização ao ponto de criar até as ciências humanas. Assim, é perceptível, a partir das pesquisas

arqueológicas e genealógicas, que as ciências humanas surgiram de práticas políticas disciplinares.

Ademais, observa-se também que os conhecimentos e saberes são frutos de relações de poder. Enaltece-se que não há saber neutro. Todo saber é político, uma vez que o saber tem sua origem nas relações de poder. Dessa maneira, saber e poder se implicam, assim como têm a ver com a ideia de verdade. E a verdade, conforme Foucault (1979, p. 4), é analisada a partir da

> formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros. Não é, portanto, uma mudança de conteúdo (refutação dos erros antigos, nascimento de novas verdades), nem tampouco uma alteração da forma teórica (renovação do paradigma, modificação dos conjuntos sistemáticos). O que está em questão é o que *rege* os enunciados e a forma como este se *regem* entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, consequentemente, suscetíveis de serem verificadas e infirmadas por procedimentos científicos. Em suma, problema de regime, de política do enunciado científico. Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global.

A partir da citação supra é possível reconhecer que a verdade está associada ao poder, aliás, é um instrumento do saber-poder capaz de criar acontecimentos ou aceitar os acontecimentos provenientes do aleatório - do acaso - em contraposição à "dialética" que, para Foucault (1979, p. 5), "é uma maneira de evitar a realidade aleatória". Todavia, cumpre destacar que na "ordem do discurso" da verdade e do poder, há de se deixar espaço para o imprevisível, para o acaso. Assim, como se há de reconhecer que o poder está em todo lugar de saber. E não adianta querer analisar o poder tão somente pela esfera macro, como por exemplo, o poder na União Soviética que estava associado ao regime totalitário; ou o poder no capitalismo que é expresso na dominação de classe. Ou seja, o poder não está só no totalitarismo de um regime e na luta de classe. O que o pensador francês propõe é estudar o poder nos meandros da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios dos objetos, uma vez que o poder não é só força que diz não. Mas produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Ainda a respeito da verdade e do poder, Foucault destaca:

> O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o

> privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela escolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1979, p. 12).

Assim, a verdade é assegurada pelo discurso científico produzido dentro das instituições que geram saberes e atestam que verdade é poder. A verdade não é uma "entidade metafísica" fora do campo da imanência, ela é deste mundo. A verdade não existe fora do campo do poder. Ela foi criada não para "condenar" a vida, mas enunciar a vida de forma adequada de maneira a preservá-la. É a biopolítica que luta pela conservação da vida na terra. Sendo a própria vida o valor maior, e não a invenção da verdade, que em muitas situações está a julgar e condenar a vida.

3 O PODER ALGORÍTMICO EM SILVEIRA

Na visão de Silveira, na atualidade mais recente o poder tradicional – clássico do Estado via instituição ainda existe. Contudo está sendo ajudado por grandes corporações privadas, como por exemplo, as *big techs* (gigantes empresas tecnológicas como a *Apple, Microsoft, Google, Amazon, Meta e Tesla*) que estão usando os seus dados para auxiliar o Estado na arte da guerra.

Na verdade, as *big techs* vendem informações sobre os inimigos dos Estados Unidos da América e dos seus aliados. Com as informações em mãos, pratica-se um ataque de guerra. Dessa forma, as *big techs* representam os novos olhos do poder, do capital que domina, do colonialismo que ganha novas faces e do pensamento hegemônico que teima em querer ser o único modelo de verdade. Trata-se das novas atualizações do poder que mescla as estruturas das instituições estatais com empresas privadas de tecnologia em prol do aumento do capital.

No fundo, o capitalismo sempre se preocupa em encontrar novas formas de expandir o seu poder, pois o propósito do capitalismo é penetrar no corpo dos seres humanos e dominar a sua alma para garantir a sua permanência por meio do trabalho dos humanos. A ideologia do capital é preparar corpos "dóceis e obedientes" para produzir mais-valia.

O capital, através das *big techs*, avança desvairadamente por dois caminhos principais: o caminho da ideia de segurança e bem-estar; e o caminho da insegurança e paranoia. Nesse sentido, Silveira afirma:

> Um dos princípios da abordagem de segurança chamada de *Zero Trust* é que nada deve ser considerado automaticamente confiável. Isso inclui até mesmo a rede interna das Forças Armadas. Tudo deve ser o tempo todo verificado, autenticado e monitorado. Isso exige procedimentos e inúmeros sistemas de aprendizado profundo aplicado à segurança. Quanto maior o nível de paranoia mais dinheiro para as big techs (Silveira, 2025, p. 120-121).

Observa-se que o capital tem suas interfaces que geram desejos, incertezas, dúvidas para depois vir com o antídoto. Na verdade, o capital se constitui como poder e se amplia a partir do medo e da luta por mais segurança. Em nome da segurança, aceita-se, na maioria dos espaços públicos e privados, ser monitorado por câmeras (os panópticos atuais) ou por localizadores das redes sociais. Por um lado, o indivíduo se sente mais "protegido e seguro".

Porém, por outro lado, reconhece-se mais vigiado e, por conseguinte, mais fácil de ser punido, porque as provas do crime estão gravadas. No mundo contemporâneo, no campo epistêmico dos saberes, os sujeitos têm que travar batalhas infindas para que a vida seja preservada. A geopolítica deve andar de mãos dadas com a biopolítica para que os espaços vitais permaneçam, não em nome do capital, mas em nome da própria vida.

Nesse sentido, há uma guerra constante entre saber-poder; por isso indaga-se: 1) O exercício do poder existe puramente em nome da governança estatal ou das grandes corporações tecnológicas como as *big techs*? 2) Verdadeiramente, quem sabe / conhece tem poder de mando? 3) Por que a batalha conceitual e informacional se torna vital? 4) Quem domina mais e exerce governança, o Estado ou a iniciativa privada? 5) Quais as narrativas que mais ajudam na construção e manutenção do poder?

As indagações acima estão relacionadas com a ideia de território e da construção do saber-poder. Trata-se de geopolítica e biopolítica como narrativas que devem "comandar" a vida e/ou direito de viver. *Grosso modo*, os mitos, as filosofias, as religiões e as ciências estão a produzir as suas narrativas sobre a vida, o certo-errado, verdade-falsidade, bom-mau, belo-feio para reluzir um ideal de verdade.

No bojo dessas construções antropomórficas, pergunta-se: como construir a biopolítica dentro da panorâmica de "guerra total"? Quem tem as estratégias de guerra mais importantes, o Estado ou as grandes corporações privadas?

O *modus operandi* de se fazer guerra tem sido reconfigurado na atualidade mais recente. As estratégias de guerra estão sendo modificadas a partir dos dados informados sobre "os inimigos" por meio da Inteligência Artificial. Por conseguinte, segundo Silveira (2025, p. 13), "os dados são ativos de alto valor agregado, além de insumo fundamental da economia informacional". Percebe-se que as relações de saber-poder estão se transformando em mercadoria para aumentar as riquezas dos grandes empresários.

Na visão de Silveira, o digital não elimina a luta de classe, coisa que a filosofia marxiana já enaltecia. O digital, as grandes corporações têm donos e, por conseguinte, pertencem a uma classe social que tem seus interesses específicos e que usam seu instrumental digital como saber-poder, como moeda de troca. Os dados da Inteligência Artificial são transformados em capital e poder. E onde estão os dados? Sempre escutamos falar que os dados estão na "nuvem". Claro que se trata de uma metáfora, uma vez que os dados estão na "nuvem", eles estão em servidores na terra e tais servidores precisam de suporte.

> Para processar os dados e responder às consultas realizadas 24 horas por dia, os armazéns de dados já consomem a quantidade de energia similar à de um país como o Japão. Também precisam de muita água para dissipar o calor gerado por tamanho processamento (Silveira, 2025, p. 14).

Percebe-se que o poder está nos dados, mas não só, o poder está nos armazéns que abrigam os dados e, os armazéns necessitam de água e energia. Logo, energia e água se transformam em instrumento de poder e em mercadoria. E quem detém essas matérias vai aumentar o seu capital. Observa-se que o poder é diversificado, todavia, saber onde o poder está é uma questão importante, uma vez que:

> Segundo o relatório AI Index, desde 2014 os modelos mais significativos dos aprendizados de máquina estão sendo desenvolvidos pela indústria, e não mais nas universidades. Isso mostra que a definição das tendências e dos avanços da própria ciência está concentrada nos oligopólios digitais (Silveira, 2025, p. 15).

Por intermédio da citação supra, observa-se que o Estado vai perdendo força na concentração do saber-poder. O privilégio de certas informações mais secretas não é exclusividade do Estado através dos seus dispositivos que guardavam informações, tais como o exército e as polícias. Agora também grandes corporações de Inteligência

Artificial compartilham das informações de Estado. No fundo, é o poder do Estado indo para a iniciativa privada.

> O drone se porta como o velho panóptico, só que em movimento. Sua velocidade não o impede de captar detalhes de tudo que está abaixo do seu campo de visão. O problema dos vigilantes norte-americanos era conseguir olhar e analisar tudo o que captavam. Como interpretar essa imensa quantidade de vídeos e fotos? Nesse contexto, surge o Projeto Maven. Seu objetivo principal era utilizar a inteligência artificial, especificamente o aprendizado de máquina, para tratar esse volume de imagens e vídeos coletados sobretudo por drones militares. Identificar objetos e reconhecer pessoas, detectar e selecionar alvos de modo automatizado traria economia de tempo e recursos e aumentaria a capacidade das Forças Armadas. Com essa missão, o Projeto Maven iniciou formalmente em abril de 2017 (Silveira, 2025, p. 22).

Diante dessa realidade, percebe-se que as plataformas são transformadas em máquinas de informação para a guerra. Os novos olhos do poder, em substituição ao panóptico, são os drones com suas câmeras, observando pessoas e territórios para gravar e repassar informações aos centros de poder das corporações de Inteligência Artificial para compor dados e serem vendidos para o Estado, a fim de que este tenha informações privilegiadas dos seus "inimigos", e monte suas estratégias de guerra. Ou, então, dados captados por drones do Estado para que sejam mensurados por corporações privadas e repassados às Forças Armadas para terem mais objetividade em suas ações de guerra.

Grandes corporações tecnológicas fizeram parte do Projeto Maven, porém, Silveira (2025, p. 23) acentua que:

> O Google colaborou com o aparato militar desde o início do projeto. No entanto, muitos desenvolvedores, cientistas e engenheiros do Google começaram a se incomodar com o uso do aprendizado de máquinas para construir um sistema que serve à guerra e a assassinatos seletivos.

Alguns dos trabalhadores do Google com o mínimo de ética possível e de percepção biopolítica decidiram escrever uma carta de protesto sobre o uso de máquinas a decidir sobre a vida e a morte das pessoas. Alerta-se que se trata de um poder que pode perder o controle e se tornar num grande perigo para a humanidade. Sobretudo porque a máquina não é ética, não é sensível à dor e sofrimento do ser humano. Um pouco nesse sentido, Silveira assevera:

> Um *signature strikes*, ou ataque de assinatura, é a escolha de um alvo a ser eliminado a partir de um padrão de comportamento suspeito. Não se trata de

> atingir uma pessoa especificamente, mas de uma pessoa que se porta como se fosse terrorista. As Forças Armadas utilizam algoritmos e inteligência para detectar padrões de comportamentos considerados típicos de militantes ou combatentes. Isso é feito com base em imagens enviadas por drones. Um dos objetivos do Maven era detectar nas imagens padrões de comportamento considerados típicos de militantes ou combatentes inimigos. A estatística e a probabilidade substituem a certeza. Essa prática equivale a um juiz condenar alguém à pena de morte não mediante provas do crime, mas considerando que o réu tem um padrão de comportamento semelhante ao de criminosos que cometeram crimes similares (Silveira, 2025, p. 24).

A partir das ideias da citação acima, qualquer intelectual compromissado com a geopolítica e com a biopolítica irá se preocupar com a vida da humanidade aqui na terra. O "poder econômico" tem que ser levado em consideração, principalmente associado à guerra. A guerra é real, não é uma brincadeira de videogames, é uma realidade financiada com dinheiro público para destruir pessoas em outros países considerados inimigos do Tio Sam e, por conseguinte, dos seus aliados. O fato é que as *big techs*, com seu poderio tecnológico e em parceria com o poder econômico e o poder político, matam em nome dos seus interesses.

A ética da guerra está sendo modificada a partir dos dados fornecidos pelo poder tecnológico das corporações de Inteligência Artificial. Contudo, as decisões ainda dependem dos humanos. Mas até quando? A criatura não pode tomar o lugar do criador. As decisões sobre a vida deve ser algo dos próprios humanos. Nessa direção, Silveira (2025, p. 129), salienta:

> As decisões sobre a vida e a morte não deveriam ser delegadas a sistemas automatizados, ou melhor, entregues a algoritmos. Os usos letais do aprendizado de máquina com dados civis obtidos em dispositivos de comunicação, entretenimento e interações em redes sociais deveriam ser considerados crimes de guerra, crimes contra a humanidade. As big techs, com suas redes neurais artificiais e demais sistemas invisíveis, atuando em conjunto com as forças militares, formam uma perigosa aliança antidemocrática. A gestão da guerra virando unidade de negócios das big techs pode levar à monetização de conflitos contínuos com baixo custo e alta lucratividade.

A criação de dados, assim como os conhecimentos e saberes, ainda são do homem. Os dados captados pela máquina um dia foram criados pelo ser humano, por isso mesmo, é que o homem tem que seguir criando conceitos para não ser devorado pela esfinge chamada máquina.

O movimento deve ser no sentido de que a máquina está a serviço da vida e da verdade, e não o contrário. Conforme as configurações do poder na atualidade, as *big*

techs, constituem-se como forças que vão diminuindo o poder do Estado, elas começam sobremaneira a ser os novos olhos do poder e da verdade no campo da política e da guerra – coisa que causa preocupação dos intelectuais ainda comprometidos com biopolítica e com a verdade presentes nos enunciados científicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse quadro apresentado por Foucault e Silveira, reconhece-se que o papel do intelectual é o de ajudar criar uma nova política da verdade, de forma a confrontar o capital que domina, oprime e mata as pessoas injustamente; usar os espaços acadêmicos de formação discursiva dos enunciados da verdade, mostrando que a hegemonia de uma única verdade pode levar a humanidade para o aniquilamento.

Nesse rumo, o intelectual tem que buscar entender qual seria o papel geopolítico das *big techs* que contribuem com o desenvolvimento do sistema político e econômico capitalista, uma vez que a Inteligência Artificial está redefinindo o complexo industrial-militar dos EUA e a própria atividade de guerra. As *big techs* influenciam de maneira tática ou estratégica os acontecimentos no campo de batalha. Apontam alvos a serem eliminados sem levar em consideração a ética e, por conseguinte, a verdade.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MACHADO, Roberto. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu de. **As big techs e a guerra total: o complexo militar-industrial-dataficado**. São Paulo: Editora Hedra, 2025.

SOUZA, Ádamo Gabriel Lopes de. **Razão Governamental Criminológica:** a inteligibilidade neoliberal de governo em Michel Foucault. – Porto Velho, 2025. (Dissertação de mestrado acadêmico em filosofia – Universidade Federal de Rondônia).

AGRADECIMENTOS

Aos colegas do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Acre, pelo incentivo à pesquisa.